2. LEÃO XIII – O PAPA DA RERUM NOVARUM

Fernando Câmara (*)

Depois de uma ausência de dois anos da tribuna deste Sodalício, é com muita honra e satisfação que volto a ocupá-la como responsável pela palestra do dia.

Antes de iniciar o meu pronunciamento, gostaria, embora tardiamente, de trazer o meu aplauso e a minha alegria pela eleição de nosso estimado confrade, professor Geraldo da Silva Nobre, para a presidência desta Casa de tão gloriosas tradições.

Foi uma escolha feliz, pois se trata de um companheiro detentor de todos os títulos e qualidades inerentes ao desempenho do cargo, que ele aceitou, tenho certeza, não como honraria, mas como uma missão para a qual está perfeitamente capacitado a exercê-la com abnegação, dinamismo e reconhecida competência.

Tão grande é a estima desfrutada entre os seus pares, que o professor Geraldo da Silva Nobre teve uma eleição unânime, como verdadeiro reconhecimento ao seu talento e aos serviços prestados ao nosso Instituto.

Com pouco mais de quatro meses no desempenho do cargo, ele muito já realizou, obtendo verbas e fazendo promoções culturais, como na decorrência dos 125 anos da Associação Comercial do Ceará, centenário de Leonardo Mota e outros acontecimentos.

Quero, portanto, desta tribuna, prestar a minha homenagem, o meu apoio e solidariedade ao ilustre Presidente da Casa do Barão de

(*) Fernando Câmara é membro efetivo do Instituto do Ceará e da Academia Brasileira de História, em S. Paulo.

Studart, desejando total sucesso no desempenho de tão nobre missão!

Trago, também, neste momento, uma palavra da Associação Sócio-Educativa da Família Saraiva Leão que sempre teve o apoio desta entidade a suas Convenções, com a publicação de conferências ali pronunciadas na Revista do Instituto do Ceará.

A nossa entidade familiar é profundamente reconhecida a este gesto, e deseja, também, colaborar nas despesas com a publicação do exemplar de 1991, oferecendo a modesta importância de cinquenta mil cruzeiros, que tenho a honra de fazer entrega ao nosso presidente, professor Geraldo da Silva Nobre.

Senhor Presidente e Senhores Consócios

O ano de 1991 registra o centenário da famosa encíclica "RERUM NOVARUM", um acontecimento que não passou despercebido nesta Casa pois já tivemos dois pronunciamentos dos nossos estimados consócios, João Hipólito Campos de Oliveira e Raimundo Aristides Ribeiro.

Hoje, peço permissão ao nosso ilustre presidente e aos demais companheiros para mais uma vez voltar ao assunto, evocando de modo especial a figura de seu autor, o grande Pontífice Leão XIII, uma das glórias da Igreja Católica e que há muito deveria estar nos altares, tais as virtudes e o talento deste inesquecível sucessor de São Pedro.

Com a leitura deste trabalho, intitulado "Leão XIII – O Papa da Rerum Novarum" procurarei focalizar a sua vida e suas atividades, tanto como diplomata de carreira, como igualmente do grande Pastor, que durante 25 anos dirigiu os destinos da Igreja de Cristo, em uma das fases mais difíceis, quando menos de uma década antes de assumir o papado, o governo italiano havia ocupado militarmente os Estados Pontífices acabando, assim, com o poder temporal dos Papas.

O mundo católico comemora neste 1991, precisamente no dia 15 de maio, o centenário do mais importante documento até hoje escrito sobre a questão social – a encíclica RERUM NOVARUM – que imortalizou o seu autor, o Soberano Pontífice Leão XIII.

Este valioso documento, tão vivo como se tivesse sido escrito em nossa atualidade, foi mais tarde considerado pelo Papa Pio XI "a admirável doutrina que tornou a Rerum Novarum digna de eterna memória".

Por sua vez, em 1961, ao lançar a Mater et Magistra, em comemoração aos setenta anos deste importante evento, o Papa João XXIII

conclui dizendo que "a encíclica Rerum Novarum foi e continua sendo a Magna Carta de reconstrução econômica e social da época moderna".

Nela o Imortal Leão XIII denunciava as miseráveis condições das classes trabalhadoras diante do progresso alcançado pela indústria moderna de sua época, definindo, na oportunidade, os direitos e os deveres recíprocos dos patrões e empregados para que, dentro do espírito de justiça, pudesse ser encontrada a verdadeira conciliação de acordo com os princípios cristãos.

A mencionada encíclica tornou-se o fundamento maior de toda a ção católica na questão social e Leão XIII com muita sabedoria foi taxativo:

"De nada vale o capital sem o trabalho, nem o trabalho sem o capital. Por conseguinte é inteiramente falso atribuir ou só ao capital ou só ao trabalho o produto do concurso de ambos; e é injustíssimo que um deles, negando a eficácia do outro, se arrogue a si todos os frutos".

Tão conhecida e respeitada tornou-se a Rerum Novarum que, após o término da primeira guerra mundial, quando as potências vencedoras trataram de restabelecer a paz sobre as bases de uma completa renovação social, entre as leis decretadas para regulamentar o trabalho do operário, segundo a justiça e equidade, muitas delas foram feitas baseadas nos princípios e diretrizes de Leão XIII, parecendo até mesmo terem sido copiadas intencionalmente.

Em comemoração e sequenciado este importante documento várias outras encíclicas foram escritas abordando praticamente o mesmo assunto: QUADRAGÊSIMO ANNO, de Pio XI, MATER ET MAGISTRA e PACEM IN TERRIS, ambas de João XXIII, OCTOGÊSIMA ADVENIENS e POPULORUM PROGRESSIO, de Paulo VI, e finalmente, LABOREM EXERCENS, SOLLICITUDO REI SOCIALIS e CENTESIMUS ANNUS, do atual Pontífice João Paulo II.

Ao decorrer, neste 1991, o centenário de tão notável encíclica, inspiradora do tema da Campanha da Fraternidade, "SOLIDÁRIOS NA DIGNIDADE DO TRABALHO", não poderia deixar de evocar a figura de seu autor, o grande Pontífice Leão XIII, considerado por mim o maior Papa da história da Igreja.

* * *

Vicente Joaquim Pacci era o seu nome completo e nasceu em Carpineto, na Itália, no dia 2 de março de 1810, de origem nobre, sen-

do filho do casal Conde Ludovico Pecci.

Em 1837 recebeu a ordenação sacerdotal e já no ano seguinte entrava para a carreira diplomática do Vaticano, desempenhando como primeira missão o cargo de delegado do Papa em Benevento e Perúsia.

Depois, em 1843, por determinação de Gregório XVI, teve a sua nomeação para Núncio Apostólico na Bélgica, sendo mais tarde (1857), no pontificado de Pio IX, escolhido cardeal-bispo de Perúsia.

Durante este pontificado, o mais longo da história, ocorreu a unificação da Itália com a ocupação dos Estados Pontifícios e até mesmo do Palácio Quirinal, sede do Papado, tendo Pio IX, em sinal de protesto, considerado-se "Prisioneiro do Vaticano", de onde nunca mais sairia.

Esta lamentável situação perduraria até 1929 quando foi então firmado uma Concordata entre Pio XI e Mussolini (Tratado de Latrão), tornando-se o Vaticano um Estado Livre e o Papa seu legítimo soberano.

Diante do novo clima hostil contra a Igreja e prevendo possíveis dificuldades em sua sucessão, Pio IX escreveu, em caráter secreto, três bulas com normas para serem obedecidas após a sua morte, quando da eleição do futuro Papa: a primeira, IN HAC SUBLIMI, de 23 de agosto de 1871; a segunda, LICET PER APOSTOLICAS, de 8 de setembro de 1874; e finalmente a terceira, CONSULTORI, de 10 de outubro de 1877.

Estas três bulas deveriam ser lidas na primeira reunião geral dos cardeais para a eleição do novo Pontífice e, na última delas, ele "suplicava aos cardeais procederem à eleição pontifical com tanto mais cuidado e celeridade, quanto as circunstâncias fossem mais difíceis; e, nesta eleição abandonar toda a consideração humana não ceder nem às inclinações de pessoas nem a recomendações de poderes seculares, enfim, não ter outro objetivo além da Glória de Deus e Bem da Igreja".

Faltando 28 dias para a sua morte, ou seja, em 10 de janeiro de 1878, agravando-se consideravelmente a situação política, exigindo novas soluções, Pio IX juntou mais um regulamento às três bulas.

Como o Palácio do Quirinal, local onde foram realizados os últimos conclaves, encontrava-se ocupado pelo Governo Italiano, fazia-se necessário a construção de uma clausura temporária no Vaticano, onde pudessem reunir-se cerca de sessenta cardeais.

Pio IX recomendou ao camerlengo, cardeal Pecci, o futuro Leão XIII, tomar estas providências e supervisionar os preparativos do futuro

conclave, o último por sinal do século passado.

No dia 7 de fevereiro, o saudoso Pontífice entregava a alma a Deus, depois de um longo pontificado onde se destacaram dois importantes acontecimentos: a proclamação de dogma da Imaculada Conceição (1854) e a realização do Concílio do Vaticano (1869) com a participação de 747 bispos de todo o mundo, quando foi definido outro dogma, "a Infabilidade Papal".

Em 18 de fevereiro teve início o Conclave com a presença de 60 cardeais dos 64 que compunham o Sacro Colégio. O cardeal-Patriarca de Lisboa chegou somente no dia 19 e o cardel-arcebispo de Nova York no dia seguinte à eleição; os cardeais-arcebispos de Rennes e de Dublin deixaram de comparecer por se encontrarem enfermos.

Sondado pelos cardeais se aceitaria a Tiara de São Pedro o cardeal Pecci alegou problemas de idade e saúde: "já estou velho e não sirvo mais para nada".

O futuro Papa já era realmente um homem de 68 anos de idade, franzino e fraco, mas tinha grande tenacidade e estaria fadado a viver em constante atividade durante os 25 anos de seu glorioso pontificado.

No dia 20 de fevereiro de 1878, pelas 10 horas da manhã, realizou-se na Capela Sistina o último escrutínio com a presença de 61 cardeais tendo o cardeal Pecci obtido 44 votos equivalentes a mais que os dois terços necessários para a eleição.

Diante da difícil situação da Igreja ele acabou aceitando a sua indicação feita pela maioria dos cardeais e escolheu o nome de Leão XIII, dizendo fazê-lo por admirar as virtudes de Leão XII, o Papa que ocupou o trono de São Pedro no período de 1823 a 1829.

Declarando-se solidário a Pio IX, considerou-se igualmente "Prisioneiro do Vaticano" e como demonstração deste ato deu a sua primeira bênção do alto da janela, voltado para o interior da Basílica de São Pedro onde aglomerava-se enorme multidão.

Houve forte oposição a sua eleição tendo o Governo Italiano proibido os funcionários públicos a assistirem a missa em ação de graças pelo importante evento.

Poucos pontífices começaram a reinar tão bem informados das dificuldades a enfrentar em seu pontificado e à alegre bonomia de Pio IX seguiu-se a vontade férrea de um homem dotado de grande inteligência e rara habilidade diplomática. Trabalhava doze horas por dia, semanas a fio, durante anos e anos, julgando poderem os outros fazer o mesmo nos trabalhos da Igreja.

Ele, tendo aos 68 anos alegado problemas de idade e saúde para

assumir o Papado, quando completou 93 anos recebeu os cumprimentos de um cardeal com estas palavras: "Santidade, oro para que Deus o faça atingir os cem anos".

Leão XIII agradeceu e respondeu: "Eminência, não ponhamos limite à bondade da Providência".

Diplomata de carreira, suas primeiras atividades foram procurar melhorar as relações da Igreja com diversos países, notadamente o Império Alemão onde os católicos sofriam forte perseguição.

Na mesma noite de sua escolha recusou a correspondência que lhe tinham preparado para assinar comunicando a sua eleição ao Imperador Alemão, preferindo ele mesmo escrever uma carta pessoal onde exprimia a esperança de um fim rápido daquela guerra contra a Religião.

Somente em 1884 os católicos alemães tiveram seus direitos assegurados, sendo também restabelecidas as relações diplomáticas com o Vaticano.

Tão respeitada e admirada tornou-se a figura de Leão XIII pelo Governo Alemão que foi por este indicado para mediador na disputa com a Espanha pela posse da ilha Carolina, no Pacífico.

O Papa aceitou a mediação e sua sábia decisão agradou as duas partes tendo o Príncipe Oto Bismarck – O Chanceler de Ferro – considerado o Soberano Pontífice "Agente da Paz no Império Alemão".

Ainda na área diplomática reatou as relações do Vaticano com a Rússia e melhorou consideravelmente as existentes com os governos de Portugal, Inglaterra e Estados Unidos.

Restabeleceu a hierarquia católica na Inglaterra e instituiu a do Japão.

Com o Governo Brasileiro, cujas relações estiveram tensas com a Santa Sé, durante a Questão Religiosa, estas foram as melhores possíveis com Leão XIII, o qual, em 1876, quando Bispo de Perúsia, conhecera o Imperador Pedro II.

O próprio monarca registrou o acontecimento em seu diário: "Agradou-me quando me visitou em Perúsia. Estava eu tomando café no hotel".

O episcopado brasileiro, que no alvorecer da república não passava de doze mitras para tão vasto território, foi ampliado inicialmente com mais quatro dioceses: Amazonas, Paraíba, Niterói e Curitiba, sendo instituída na oportunidade, através da bula AD UNIVERSITATIS ORBIS ECCLESIAS, de 27 de abril de 1892, duas Províncias Eclesiásticas: a do norte, sediada na Bahia, e a do sul, localizada no Rio de

Janeiro, cuja sede episcopal foi promovida à categoria de Arcebispado.

A escolha do primeiro arcebispo carioca quase ocasionaria uma crise com o recém-instalado governo republicano.

Por um "cochilo" talvez da Nunciatura Apostólica foi nomeado para a nova arquidiocese o bispo de Pernambuco, Dom João Esberard, conhecido monarquista.

A escolha deste Pastor causou uma revolta profunda no povo e até mesmo no clero, chegando mesmo a se sugerir ao Congresso a ruptura do Governo com o Vaticano.

Leão XIII não voltou atrás em sua resolução, mas chamou a Roma o futuro Metropolita do Rio de Janeiro, advertindo-o dos deveres especiais de um Arcebispo que ia residir na Capital da República, lado a lado com o Governo.

D. João Esberard regeu realmente com muita serenidade e diplomacia sua difícil arquidiocese e, mantendo com as autoridades governamentais as melhores e mais cordiais relações, aplacando por outro lado a desconfiança de seu rebanho.

Amigo e protetor da ciência, o grande Papa promoveu a restauração da filosofia escolástica nas escolas e universidades católicas; restabeleceu, modernizando-o, o Observatório Astronômico do Vaticano, estimulando o estudo e investigações históricas.

Para ativar o estudo da história abriu a todos os sábios, sem distinção de nacionalidade ou confissão religiosa, os arquivos da biblioteca do Vaticano.

Devemos ao Imortal Pontífice a fundação das universidades católicas de Friburgo, e de Washington, e do Instituto de Filosofia Tomista de Louvain.

Se na área diplomática Leão XIII obteve inúmeros sucessos, foi, porém, em sua ação pastoral que ele mostrou o seu notável talento ao procurar doutrinar a Igreja por meio de freqüentes e importantes encíclicas, consideradas hoje verdadeiros tratados sobre dogmas, moral e outros temas, às quais, seus sucessores, pouco ou nada tiveram de acrescentar.

São dignas de menção: a AETERNI PATRIS, de 4 de agosto de 1879, a HUMANUM GENUS, de 2 de abril de 1884 (a mais longa escrita contra a maçonaria), a IMMORTALE DEI OPUS, de 1º de novembro de 1885, e a RERUM NOVARUM, de 15 de maio de 1891, a mais importante de todas e cujo centenário está sendo comemorado neste ano.

Outras encíclicas não poderiam ser esquecidas: a PROVIDEN-

TISSIMUS DEUS (sobre o estudo da Sagrada Escritura), a LIBERTAS (contra o liberalismo), a TESTEM BENEVOLENTIAE (contra o materialismo), a DIVINUM ILLUD (sobre o Espírito Santo) e MIRAE CARITATIS (sobre a Sagrada Eucaristia).

Além destas, escreveu ainda outras, sobre a devoção ao Rosário, a consagração de toda a humanidade ao Coração de Jesus, a instituição e desenvolvimento dos Congressos Eucarísticos, a extensão das Missões Estrangeiras e vários outros documentos contra a maçonaria e sociedades secretas.

Durante o seu longo pontificado renovou em quase sua totalidade o Sacro Colégio, admitindo ilustres nomes para o cardinalato como nunca o tivera desde o Papado de Paulo III.

Enfermo, aos 90 anos, submeteu-se com sucesso a uma intervenção cirúrgica, mas não resistiu a uma pleurisia, três anos depois, tendo falecido no dia 20 de julho de 1903.

Hoje, quando a sabedoria e experiência dos velhos são menosprezadas ou relegadas ao abandono e esquecimento, temos aqui o exemplo admirável de Leão XIII o qual, aos 81 anos, escreveu a RERUM NOVARUM, a grande doutrina para a questão social, e, até aos 93 anos de idade, dirigiu com pulso firme, grande sabedoria e rara habilidade diplomática, os destinos da Igreja de Cristo, diante de um mundo tão conturbado, como o foi em seu brilhante pontificado!

BIBLIOGRAFIA

Encíclica Rerum Novarum – Leão XIII
Encíclica Quadragesimo Anno – Pio XI
Encíclica Mater et Magistra – João XXIII
Pio XI – Edward Kirby
História da Igreja Católica – Phillip Hughes
Brasília Catedral do Brasil – História da Igreja no Brasil – Pedro Calmon
A Maçonaria e a Questão Religiosa no Segundo Império – Marcelo Linhares
Revista O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÔNIO (junho 1991)